



são paulo  
rio de janeiro  
new york  
www.nararoesler.art  
info@nararoesler.art



## theory of the inevitable convergency

carlito carvalhosa, artur lescher, marco maggi

abertura:

15 de novembro

18h

exposição:

16 de novembro, 2017 – 6 de janeiro, 2018

seg-sáb: 10h – 18h

galeria nara roesler | new york

22 east 69th street 3r

new york ny

10021 usa

t 55 (11) 2039 5454

A **Galeria Nara Roesler | Nova York** apresenta *Theory of the Inevitable Convergence*, coletiva dos artistas Artur Lescher, Carlito Carvalhosa e Marco Maggi que tem como motivação evidenciar pontos de contato ainda não explorados entre as poéticas dos três artistas.

Para além de intersecções relacionadas a aspectos formais, as obras escolhidas para integrar a exposição carregam importantes questões colocadas recorrentemente ao público pelos artistas, tal como a maneira em que estes articulam

suas obras ao espaço, seja pela forma como interferem e atuam nele, seja através da sugestão de um lugar desconhecido, vinculado ou não ao real. Esse procedimento convida o público a experimentar novas circunstâncias e talvez repensar sua relação com o mundo.

Lescher apresenta *Finials*, pequenas esculturas em pedestais que fazem referência à estruturas arquitetônicas: a extremidade uma igreja ou templo, de um prédio corporativo ou - como o artista ironicamente coloca - a ponta de um míssil, evocando justamente o poder e a eloquência do homem. Já seus *Pêndulos* lembram instrumentos vibratórios e fontes magnéticas, sensíveis às perturbações do espaço arquitetônico e ao trânsito do observador. Por estarem sujeitos à força da gravidade os pêndulos poderiam atuar como instrumentos de uma escrita invisível, sugerindo incessantemente uma nova história/memória ao espaço e aos trabalhos que os circundam.

A instalação de Carvalhosa, por sua vez, é composta por óleos sobre alumínio espelhados pendurados ou encostados em lâmpadas tubulares dispostas simetricamente na parede. As peças de alumínio espelhado propõem uma experiência singular: o espectador é impedido de ver a totalidade de seu reflexo, sendo apenas capaz de experimentá-lo parcialmente ou de forma distorcida, uma vez que as superfícies são pintadas.

Dado o contexto atual, em que se vê e compartilha imagens de si constantemente nas redes, a instalação de Carlito causa estranheza e uma pausa instantânea é criada para o espectador, que é colocado em um "não-lugar", onde a falta de narrativa pode ser algo desconcertante.

Maggi apresenta *Podium*, um tríptico do qual fazem parte três painéis de diferentes tamanhos e cores - ouro, prata e bronze, sendo cada um deles composto por signos esculpido com precisão e delicadeza sobre folhas metálicas colocados dentro de armações de slide. Se de imediato, o título e as cores sugerem uma narrativa, ao se aproximar da obra, o espectador percebe que cada slide oferece uma imagem abstrata única que pode ganhar diferentes significados. Nas palavras do artista: "se não há cumplicidade com o espectador, o trabalho não existe" e "quando as pessoas me perguntam o que eu faço, qual é a minha profissão, eu respondo que sou um promotor de pausas". Podium é, portanto, um convite a outra temporalidade, e cria a oportunidade de se perder e se deixar levar pela narrativa abstrata do artista.

O rigor formal presente na geometria delicada da obra de Maggi, está presente também na obra de Lescher, com suas formas precisas, sem excessos. Estas, por sua vez, compostas por superfícies essencialmente reflexivas, encontram um contraponto nos alumínio pintados de Carvalhosa, enquanto ao mesmo tempo, Maggi recorre a esta mesma questão, por meio de seus recortes em folhas metálicas.

Partindo destes encontros, mas evidenciando sobretudo a diferença entre suas produções, os artistas convidam o público a descobrir novas possibilidades e percursos. Nas palavras de Maggi: "We deserve a pause, and an insignificant drawing can work like a perfect training ground to increase our capacity to live in an illegible context", enquanto Lescher reforça que "é o fluxo do pensamento em seus vários estados de percepção que constrói os sentidos. Um tempo cíclico encontra seu lugar" e Carvalhosa conclui: "No lugar do jardim das veredas que se bifurcam, está a Teoria da Convergência Inevitável!".

### **About Artur Lescher**

Há mais de trinta anos, Lescher apresenta um sólido trabalho como escultor, resultado de uma pesquisa em torno da articulação de matérias, pensamentos e formas. Neste sentido, o artista tem no diálogo singular, ininterrupto e preciso com o espaço arquitetônico e o design, e na escolha dos materiais, que passam pelo metal, pedra, madeira, feltro, saís, latão e cobre, elementos fundamentais para reforçar a potência deste discurso. De acordo com o Historiador da Arte Matthieu Poirier "a qualidade principal das obras finamente produzidas por Artur Lescher é que elas produzem um campo de força tangível, de natureza magnética, pode-se dizer, considerando os metais que ele utiliza [...] mas é, sobretudo, de natureza perceptiva." Ao mesmo tempo que o trabalho de Lescher está atrelado fortemente a processos industriais, atingindo requinte e rigor extremos, sua produção não tem por fim único a forma, está para além dela. Essa contradição abre espaço para o mito e a imaginação, ingredientes essenciais para a construção da sua Paisagem mínima (Galeria Nara Roesler, 2006). Ao escolher nomear obras como Rio Máquina, Metamérico ou Inabsência (Projeto Octógono, Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2012), Lescher propõe uma extensão do trabalho, sugerindo uma narrativa, por vezes contraditória ou provocativa, que coloca o espectador em um hiato, em um estado de suspensão. Artur Lescher participou

das edições de 1987 e 2002 da Bienal de São Paulo e da edição de 2005 da Bienal do Mercosul em Porto Alegre, Brasil. Expôs em diversas mostras na América Latina, na Europa e nos Estados Unidos, além de duas mostras individuais, a primeira no Instituto Tomie Ohtake (2006), em São Paulo, e a segunda no Palais d'Iéna (2017), em Paris.

### **Sobre Carlito Carvalhosa**

Carlito Carvalhosa (n. 1961, São Paulo, Brasil) vive e trabalha no Rio de Janeiro. Carvalhosa despontou na cena artística nacional na década de 1980, como membro do coletivo paulista Grupo Casa 7, ao lado de Rodrigo Andrade, Fabio Miguez, Nuno Ramos e Paulo Monteiro, período em que produziu pinturas de grandes dimensões com ênfase no gesto pictórico. Há mais de vinte anos o artista vem utilizando meios variados e diversos tipos de objetos – incluindo lâmpadas, tecidos, cera, madeira e espelhos – para investigar o espaço arquitetônico, a natureza dos materiais em formas abstratas e a recepção do espectador no contato com eles. De acordo com a curadora portuguesa Marta Mestre, o que interessa ao artista é “a relação entre o espaço e o ato de construir. Mobilizada pelo artista, a construção é um processo para reordenar o mundo à sua frente, suportar seu caos e, assim, diferenciar a atividade perante a natureza”. Mestre ainda destaca que a obra de Carvalhosa é “perpassada pelo pensamento da escultura enquanto construção, adicionando o gesto e retirando o vazio”. Estas observações são evidentes em seus trabalhos mais recentes como *A Soma dos Dias*, uma monumental instalação site-specific feita para o projeto Octógono na Pinacoteca do Estado de São Paulo (2010) e para o átrio do MoMA (2011), e a instalação *Sala de Espera* no MAC-USP (2013), na qual vinte e quatro postes de madeira foram suspensos no espaço expositivo, em conjunção com a arquitetura de Niemeyer.

Carvalhosa participou da Bienal de Havana, Cuba (1986 e 2012); da Bienal do Mercosul em Porto Alegre, Brasil (2001 e 2009); da 18ª Bienal de São Paulo, Brasil (1985). Realizou a ação *Rio* no MoMA de Nova York (2014) e algumas de suas individuais se deram: no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil (2013); no Projeto *Contentores*, Guimarães, Portugal (2012); e, no MoMA, Nova York, EUA (2011).

### **About Marco Maggi**

Marco Maggi (n. 1957, Montevideu, Uruguai), vive e trabalha em Nova York e Montevideu. A presença do papel e a maneira artesanal de lidar com ele são duas constantes no trabalho de Marco Maggi, mesmo em suas instalações de grandes dimensões. Suas criações, como *Global Myopia* (Pavilhão Uruguai na 56ª Biennale di Venezia), encorajam o público a diminuir o ritmo, prestando atenção às obras para poder entrar dentro delas, desdobrando seus possíveis significados, repensando o ambiente e a sociedade em que vivem. Em relação à *Global Myopia*, Maggi afirma que: “longe de uma atitude muito século XX, que foi ter soluções para todos e para sempre, atualmente, creio que as únicas esperanças são pequenas e de aproximação, de proximidade. A atitude míope, que é quando se olha algo que se põe muito perto e se olha com atenção e lentamente.” Maggi exibiu seus trabalhos na Bienal de Cuenca, Equador (2011); Bienal da 17ª Guatemala (2010); 29ª Bienal de Pontevedra, Espanha (2006); 8ª Bienal de Havana, Cuba (2003); e a 25ª Bienal de São Paulo, Brasil (2002). Suas individuais recentes ocorreram no MOLAA - Museu de Arte Latino Americana, Long Beach, EUA (2013); Vassar College Museum, Nova York, EUA (2013); Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2012); Dorsky Museum, Nova York, EUA (2011).

### **Imagem**

Carlito Carvalhosa  
***Sem Título (P59)***, 2017  
óleo sobre alumínio  
200 X 122 cm

### **Contatos de Imprensa**

press office usa  
sutton pr  
t 1 (212) 202 3402  
julia lukacher  
[julia@suttonpr.com](mailto:julia@suttonpr.com)

press office brazil  
pool de comunicação  
t 55 (11) 3032 1599  
martim pelisson  
[martim@pooldecomunicacao.com.br](mailto:martim@pooldecomunicacao.com.br)

galeria nara roesler  
departamento de comunicação  
t 55 (11) 2039 5465  
paula plee  
[paula.plee@nararoesler.art](mailto:paula.plee@nararoesler.art)

